

# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 2 de Janeiro de 1988 \* Ano XLIV N.º 1143 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## 48 ANOS

Guardada no coração de Pai Américo, a Obra da Rua veio à luz, em 1940. Faz, agora, 48 anos. Sabe-nos bem ir à fonte. É um fruto de muito Amor.

Antes de aparecer, não faltaram os sinais a anunciá-la. Sem os contornos bem definidos, como é próprio de quem começa, sabendo apenas que Deus chama, Pai Américo pôs-se a caminho. Por onde vai? «Foi no Beco do Moreno, em Maio de trinta e cinco, que o miúdo me apareceu... Passava eu por ali, naquele mês e ano, quando um garoto da rua embarga o meu caminho num angustioso e imperativo: — Venha ver o meu pai que está

na cama e a gente passamos fome.»

O garoto. A rua. O pai doente tuberculoso. A fome. Vamos parar um bocadinho, junto à fonte. Era assim. E agora? O mal é mais profundo, hoje. Muitos ficam admirados e não querem acreditar que o mal tem avançado. O garoto, naquele tempo, andava pela rua, o que era um mal, mas sentia-se ligado a alguém. «Venha ver o meu pai que está na cama e a gente passamos fome.» Hoje, não é assim, em geral. O pequeno que vem para as nossas Casas não tem por quem chorar. Entrega-se-nos como se não houvesse mais

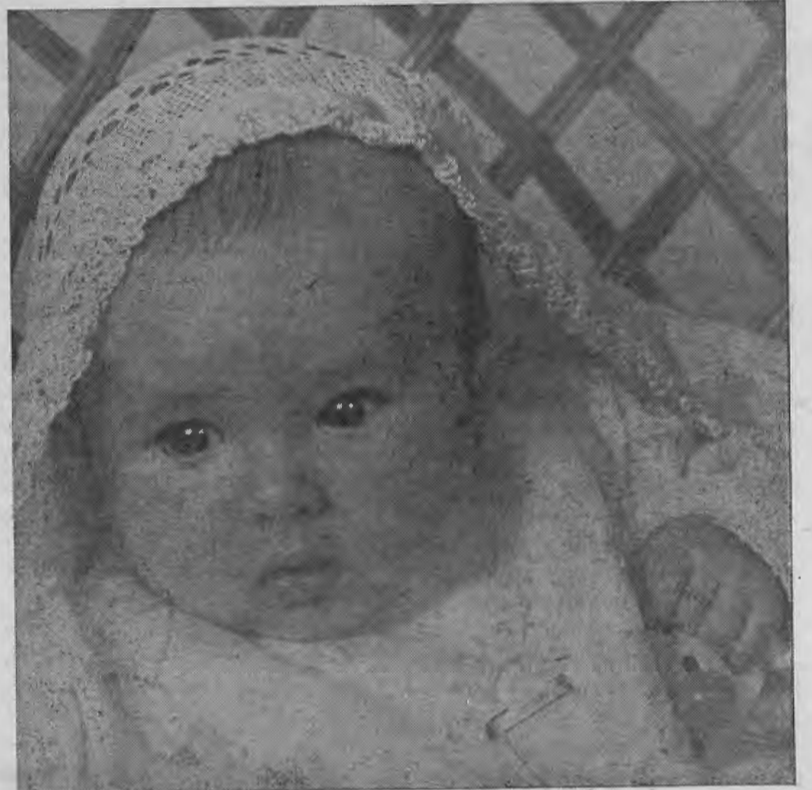
ninguém. O mal é mais profundo.

Vamos continuar a peregrinação. Pai Américo não pára. Como pode parar quem se deixou apaixonar pelo garoto da rua, o Pobre? A este passo, segue-se outro: As Colónias de Férias do Garoto da Baixa. Assim por diante, ao longo de cinco anos. Vai caminhando devagarinho, mas seguro do terreno que pisa. No Evangelho está a certeza em que se apoia; a sabedoria que o orienta; o modelo de vida que faz dele um revolucionário pacífico. E nasce a primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, no ano de 1940.

Passaram 48 anos. Quanto bem foi semeado!? Não podemos pesar nem medir. O que se passa no íntimo de cada um só Deus conhece. Quanto bem deixamos de fazer, por omissão?! Ah, os pecados de omissão também são matéria no Tribunal de Deus!

Pelos testemunhos que nos chegam, ficamos deslumbrados, confundidos e agradecidos. Deus e os homens pedem-nos a vida toda. Não podemos tirar nada do que temos e somos para dar. Seria mentir ao Espírito.

Para realizar este projecto só vemos um caminho: a Humildade. Queremos viver cada vez mais agarrados ao Evan-



Quase meio século d'Obra da Rua expresso na candura duma neta: Michaela.

## TRIBUNA DE COIMBRA

■ Celebramos os nossos 48 anos de vida da Obra nesta Casa-Mãe. Logo de início, Pai Américo confiou a sua vida, a vida dos três primeiros filhos e toda a vida da Obra da Rua ao Santíssimo Nome de Jesus. Soube em quem confiou. «A nossa confiança está no Nome do Senhor que fez o céu e a terra.»

Nestas Festas de Natal sentimos bem a presença amorosa do nosso Deus. Naquela sala familiar, o casal que nos veio

apresentar os seus três filhos adoptivos falou-nos das três filhas carnais, duas delas já casadas. Revelou-nos o ambiente de doença e de álcool em que nasceram e viveram aquelas três crianças que agora estão a criar. Como estão crescidos e bonitos aqueles três amores! Disse-nos do desejo que sentem para ajudar a criar todos aqueles que necessitam do seu amor.

Cont. na 4.ª pág.

gelho e àqueles para quem Ele é: o homem. O homem caído está em primeiro lugar. Pai Américo ilumina: «A Obra da Rua é a reconquista dum mundo descristianizado. Revelação do poder do Evangelho. Palavra nova que a todos seduz.»

Que belo! Todos! Ninguém fica de fora. Cada um tem o seu lugar: «Obrigado sou eu pela oportunidade que me dais de fazer algum bem». É confissão corrente. Todos somos devedores uns dos outros. Po-

nha-se cada um no seu lugar. A Justiça triunfa. Ninguém fica a perder. «Homens sede homens!» Cristãos sede cristãos! O jornal O GAIATO é o nosso púlpito. Primeiro, falamos para dentro. Acreditamos na força da palavra meditada e não corremos o risco de nos perdermos no caminho. Pai Américo fala: «Caminhamos devagarinho, com passo muito firme, sabendo o terreno que pisamos e aonde queremos che-

Cont. na 4.ª pág.



A Casa da Gaiato de Miranda do Corvo — primeiro alicerce da Obra da Rua — faz quarenta e oito anos. Na palavra de Pai Américo, daquele tempo, «Obra de intuição e de amor».

## Calvário

● 12/12/87 — Os olhos dos doentes embaciados com esta manhã chuvosa...

O «foi a Mim que fizestes» e «a Mim deixastes de fazer», custa a mastigar. São calhaus a rolar na boca!

Isto a propósito do Bino que toda a manhã chorou, riu e gritou. As minhas cordas sensíveis a ponto de estalar! Nem sempre é fácil manter, no dia-a-dia, a concordância com as palavras terríveis do Senhor... Por vezes apetece gritar ao Bino: «Tu não és o Senhor, és um trapo irritante...»; mas se Ele mesmo, com Sua própria voz, o afirmou com todas as letras, pontos e vírgulas!! Não

tenho outro remédio senão vê-lo no Bino que chora, ri e grita aos meus ouvidos; e atar-lhe os cordões das botas que ele desata dez vezes por dia.

● 15/12/87 — A manhã está límpida e o sol não tarda a patinar, de mansinho, na varanda do pavilhão.

O primeiro a sair — ansioso pela luz, sol e vida — é o Domingos, no seu carrinho e de cartas na mão. Tem o gosto das cartas, embora mal as conheça. Fala com muita dificuldade, mas está atento a tudo

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**NATAL** — É tempo de festa, de alegria, paz e amor. O Natal deve ser a época do ano mais alegre e vivida por nós, homens. Na Casa do Gaiato sentimos e vivemos todas as horas de todos os dias da semana que antecedem o Natal. Porquê? Explicar, em pormenor, será a melhor maneira de dizer o que é para nós o Natal. É algo de muito diferente das outras festas e épocas do ano. É uma alegria contagiante. Há mais paz e alegria nas coisas que fazemos no dia-a-dia. Como não podia deixar de ser, em meu nome e de toda a comunidade desejo que tivessem um feliz Natal e faço votos, para todos, de próspero Ano Novo.

**DESPORTO** — Continuamos em maré cheia! Disputámos mais quatro jogos. Um, em 8 de Dezembro, com a equipa do F. C. de Paço de Sousa, filiada na 2.ª divisão distrital da Associação de Futebol do Porto. Tecnicamente, o prêmio não foi famoso, mas muito emotivo e rodeado de muita expectativa, pois queriam ganhar, segundo as leis do jogo. Sem peneiras, nas redondezas, talvez não haja melhor equipa do que a nossa. Resultado final: 0-0.

Disputámos mais três jogos nos fins-de-semana seguintes e vencemos dois por 3-0; e, noutro, empátamos 2-2. A nível de desporto tudo corre bem! Volto a convidar equipas de todos os escalões para jogar conosco. Muito obrigado.

No passado dia 19, realizou-se um encontro de futebol entre as equipas do F. C. do Porto e do Boavista, no belo estádio da Maia, cuja receita destinaram à nossa Obra. O Porto venceu por 2-0.

Agradecemos a todos quantos colaboraram e tornaram possível este festival desportivo.

Muito obrigado e tenham um bom Natal e próspero Ano Novo.

**ESCOLAS** — Acabou o primeiro período de aulas. É tempo de férias, tempo de Natal. No momento em que estou a escrever, não sei praticamente nada do aproveitamento escolar, porque as notas ainda não foram afixadas. Mas tenho a certeza que vão ser razoáveis. Assim esperamos.

**OBRAS** — O novo edifício da tipografia continua em bom ritmo. O esqueleto está pronto. Faltam, agora, os acabamentos. Esperemos que terminem depressa, pois estamos ansiosos de ir para lá trabalhar e aprender a famosa arte de Gutemberg.

Serafim

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Na década de sessenta compra uma nesga de terreno p'ra ter casa. Demos a mão e o homem levanta a moradia com sacrifício, em regime d'Autoconstrução.

Como vivia só, enamora-se duma

trabalhadora rural (ele também é) e celebram o Matrimónio no altar. Depois, nascem alguns filhos. Vida pobre, sem miséria absoluta. Excepto quando o orçamento baixa, por qualquer doença — o calvário dos Pobres. Acudimos...

A humilde habitação não tem energia eléctrica e o Autoconstrutor motivava-se para este factor de promoção social. Reaviva a sua história. Pensa no crescer dos filhos. Tem os pés na terceira idade...

— *Q'ria pôr luz! Preciso duma ajudinha p'ra instalação...*

Admirável o diminutivo dos Pobres: «Preciso duma ajudinha!»

— Pois sim. Os documentos da habitação?

Remexe gavetas. Fica emocionado. Faltam alguns papéis!

Naquele tempo — pelas nossas, pela mão dele — cumprimos a lei: do projecto da moradia à licença de construção. Não foi clandestino. Procuramos respeitar as leis, ainda que algumas sejam incorrectas; outras, mal interpretadas por quem as aplica, mais cingidos à letra do que ao espírito do legislador.

Explicámos, no fim da obra, que teria de pedir licença d'habitação. Mas, deslumbrado pelo sonho realizado, acomoda-se. Resultado: agora, tantos anos passados, a luz foi luz que despoleta nova carga burocrática!

Batemos à porta dos edis. Corremos os balcões da burocracia. Finalmente, tem licença d'habitação!

Não tarda a montar a instalação eléctrica e a pôr o velho candeeiro de petróleo, como ornamento, no trasfogueiro — sinal de noites de insónia, sacrifício, paz e oração.

● Uma Pobre, d'algures, que vive na solidão, trópega por doença incurável (suprimos quase nada do que lhe falta!), comunica um doloroso desabafo: «Recebi, há dias, o indeferimento do suplemento de grande inválida...»

O ofício do CNP, igual para todos, na mesma situação, propõe os recursos da praxe. No último, «serão da sua responsabilidade as despesas inerentes à realização dessa Junta» (médica)!

Temos muito respeitinho pelos senhores doutores e não formulamos juízos de valor no campo da Medicina. Porém, há casos e casos muito específicos que, às vezes, transcendem a passagem pelas Juntas.

Aqui endossamos uma palavrinha ao legislador, aos responsáveis da governação: A Segurança Social tem Assistentes Sociais. Quantos problemas poderiam ser equacionados com a sua acção específica? Estudaram. Possuem diploma. Quiçá o bacharelato.

Diminuíram as revoltas. O contencioso nas repartições. Baixaria a quantidade de papéis.

A Assistente Social visita o beneficiário, no domicílio, sem hora marcada. Vê com os olhos da ciência prática. Conversa; até com a vizinhança. Formula o seu parecer. A primeira (ou melhor) triagem com vista à última decisão.

Segurança Social...!

**PARTILHA** — Muitas presenças natalícias! «Para que possamos, da nossa parte, participar da mesma alegria, festejando, em comunhão»,

o nascimento do Senhor, um vale de correio da assinante 17022, de Santarém.

Assinante 32986: «Entendo que não há melhor maneira de começar a minha distribuição de pequenas lembranças de Natal do que começando pelos Pobres. «Algo dô que envio — continua — é de minha irmã que também não quis ficar de fora».

Assinante 31104, sempre na brecha!: «Junto um cheque que inclui o subsídio de Natal para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Nunca, para mim, representou tanta verdade o «nem só de pão vive o homem» que me ensinaram em criança! Há uma fome muito grande que muito me atormenta, na solidão que se sente, e redobra ao chegar o Natal». Está a agir certo, «ajudando os que precisam e oferecendo tudo por alma dos que perdi; estou-os amando, embora vacilante no caminho de Deus».

Os problemas da solidão são cada vez mais! Aqui vai uma licenciada em Farmácia, assinante 9059, «que não tem ninguém, além de uma grave doença e oitenta anos de idade», partilhando com os Pobres.

Agora, passa «uma leitora assídua d'O GAIATO», que lê «todos os artigos duma ponta a outra, mas dou relevância aos que se referem aos Pobres — «como vicentina que também sou. Não posso ficar indiferente e envio a minha modesta participação para os da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Dar-lhe-ão o destino que acharem mais útil e premente». Linguagem vicentina!

Assinante 26471, 3.500\$00 «relativos aos meses de Novembro e Dezembro, desta vez acrescidos de 2.000\$00 para que senhora idosa e doente possa ter um Natal feliz». E teve!

«Por brincadeira entrei num sorteio, no escritório onde trabalho; e, sem esperar, tive um prémio: 5.000\$. Como os pobres é que se lembram dos outros pobres (salvo raras excepções), aí vão para a Conferência de Paço de Sousa». Presença da assinante 20909, de Matosinhos.

Antigo companheiro de carteira da extinta Escola Comercial Mouzinho da Silveira (Porto) — bons velhos tempos! — traz na mão a consoada: cinco contos. Pode ser que outros nossos companheiros, daquele tempo, alguns, ilustres administradores de grandes empresas — por este testemunho repartam os cifrões com o Próximo mais próximo, necessitado!

«Avó de Sintra» manda cheque repolhudo: «Se fosse possível enviaria dez vezes esta quantia; mas tenho doze netos em crescimento e várias pessoas a quem espero dar um pouco de alegria».

Oh beleza!

Assinante 7464 envia um cheque: «Não é preciso agradecer (era o que mais faltava!). Uma simples referência n'O GAIATO é mais que suficiente». Aqui está, com a nossa amizade.

Cheque de Maria Amélia — são tantas! — «para ajuda da ceia de Natal do mais necessitado». Cumprimos. Outro, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, «modesta contribuição minha para tornar mais feliz o Natal de alguém, ainda que — bem o sei — não é só no Natal que

é preciso lembrar os que mais precisam». Linguagem cristã!

«Uma migalhinha» da assinante 7769, do Porto. Outra, da assinante 20631, de Monte Gordo, «sufragando mais um aniversário da morte do meu querido Pai». Nestas épocas faz bem partilharmos na comunhão dos santos!

Marília, da capital, cheque de cinco contos «para colaborar, modestamente, no auxílio de Natal aos irmãos protegidos pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Mais uma ajuda da assinante 12313, dividida pelos nossos Pobres e pela Autoconstrução. O costume, de Santa Cruz do Douro; ali, onde Eça lavrou, com a sua pena brilhante, a Cidade e as Serras. Mais uma presença, da assinante 4023, do Porto, que nos encontrou a caminho dos Pobres! O habitual vale de correio, de Cacém: «Peço uma oração pelas minhas melhoras». Unamo-nos em espírito e o Senhor providenciará.

Um cheque, da assinante 44298, «para ser utilizado no que mais necessitarem». Idem, da assinante 26573, do Porto. Idem, de «Amiga Velha», em Figueira de Castelo Rodrigo. Idem, de Barcelos, «para qualquer necessidade, lembrando o meu sobrinho-neto que está muito doente». O Senhor escuta.

«Para uma necessidade mais urgente», cheque da assinante 46445, do Porto. A remessa habitual da assinante 11162, também do Porto. Dez contos da assinante 20174, de Coimbra, «pequena ajuda que não precisam de agradecer». Ihavo, mil. O dobro, de Setúbal. Dois contos, da assinante 27527, de Viseu. Metade, da assinante 35409, S. Pedro do Sul. Assinante 17258, mil e quinhentos. Abonadas consoadas do assinante 11902, do Fundão. O costume, de Vilares. Vale de correio, da assinante 21319, Guimarães. Dois mil, «bem precisos nesta época», pela mão do assinante 13284, do Porto. E 20 rands do assinante 9313, em Montclair, Durban, África do Sul.

Retribuímos votos de santo Natal e Ano Novo com o muito obrigado dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

## Miranda do Corvo

**NATAL!** — De facto esta palavra é importante e predominante neste tempo.

É ver o Pai Natal. Nasce antes de Dezembro e corre tudo o que é caminho comercial. Figura tão usada, sem o sentido verdadeiro do que há dois mil anos aconteceu!

O coração de tantos trespassa-se para uma vivência que os meios de comunicação e tudo onde as cores, as luzes cintilantes, predominam!

As pessoas ficam, assim, marcadas e o Emmanuel chega e encontra os corações trespassados de luxo.

Então, no mesmo trajecto e meio de deslocação, Emmanuel percorre as estalagens, como há dois mil anos atrás. «Não há lugar...». Apenas aqui, mais não sei onde, sem dar a perceber, encontra umas palhas acondelhadas, a pobreza rica, aberta e afável. Com respeito e licença acon-

chega. Se naquela originalidade da Natureza — os animais, as palhas, a gruta...

O gaiato é influenciado da mesma maneira.

As acções que se desenrolam, em nossas Casas, ajudam. As celebrações religiosas dão os retoques precisos — a «Missa do galo».

Os «Batatinhas» pensam e tocam na mesma nota, conversam e descobrem: Na camarata encostados à almofada com a humidade lá fora; na mesa do refeitório, inclinados nos pratos; nos recreios; no trabalho, em grupos, mai-lo seu chefe; como quem comanda a vida, desafiam imaginativos projectos de como é, para eles, o Natal:

— Vou escolher um camião, que o ano passado, foi um jogo...

— No outro ano, troquei o meu carro por um jogo...

— Pois, não troco. O coiso... até me queria tirá-lo!

— É um gajo, não pode ter a nossa prenda!

— Ó «Batalha», no Natal queres brincar com o brinquedo que escolheres? Vamos para o muro do campo...

— Olhem, também entro na festa do Natal. Vou cantar!...

Guido

## Lar de Coimbra

**AULAS** — Chegou o final do primeiro período, que há muito desejávamos.

Somos 25 estudantes e a vida da Casa torna-se algo difícil no aspecto do comportamento. Todavia, os problemas resolvem-se para bem de todos.

A nível de estudo pode considerar-se positivo, tendo em conta as dificuldades de adaptação, etc., porque nestas mudanças da vida e de anos escolares é muito difícil a adaptação que só se poderá fazer com muito esforço próprio.

As notas, a nível global, não são assim famosas. Quem trabalhou, naturalmente terá a recompensa; mas, os preguiçosos teijão notas negativas, certamente.

Os do Ciclo Preparatório trazem muitas insuficiências da Escola Primária! A nível do Secundário, alguns revelaram empenhamento no trabalho; e os do Complementar também não vão por aí além.

Como sabem, ainda há o segundo e o terceiro períodos nos quais teremos que dar o máximo. Por isso, após as férias do Natal e Ano Novo, regressemos com outra disposição para que a vida escolar, em nossa Casa, decorra melhor.

**FESTA DE NATAL** — É habitual a vinda de um grupo de jovens «GEN», que quinzenalmente vêm partilhar a alegria de viver, a união, a amizade.

Agora, foi a Festa de Natal, onde todos procurámos dar vida e amizade, com a interpretação de alguns números e peças, convivendo assim, mutuamente, com alegria interior, testemunhos e prendas.

Impecável! Todos gostaram do convívio, que nos deu força de vontade para vivermos um Natal com mais união e felicidade em nossa Casa.

Pedro Alves Rodrigues

«A assinante n.º 26554 envia 2.000\$00 para ajudar o pão dos gaiatinhos.

Também fiz uma camisola para um gaiatinho de 5 anos, pois tive um filho que se chamava Jorge e que morreu, em Luanda, com 33 anos, de poliomielite.

Era engenheiro de petróleos, formado com bolsa de estudo.

Quando ele era pequenino fiz-lhe muitas camisolas com muito amor e esta também foi feita com amor para oferecer e aquecer um rapazinho que tenham na vossa Casa.

Tenho vivos mais três filhos, mas nunca posso esquecer o meu Jorge, que era o mais novo.»

Nem sequer tem relação com casas para Pobres a carta que neste momento emergiu de montanhas delas equivalentes. É somente para dar o tom da ternura que nos envolve, esta, tecida nas malhas do amor materno que é ainda, entre o amor humano, do mais gratuito e autêntico porque permanece até ao fim; nem a morte o extingue: «Tenho vivos mais três filhos, mas nunca posso esquecer o meu Jorge». Cada um tem o seu lugar e nenhum esgota o coração da mãe.

E que dizer de um grupo de jovens estudantes que durante o Advento renunciou a pequeninos regalos tão razoáveis e lícitos para ter com que nos contemplar?! E de outro grupo deles que dia de Natal vem por aí fora, desde a Foz do Douro, com quanto de grande a sua afeição gerou, por muito pequena que seja a sua expressão material?! E a delicadeza de «um Amigo» de sempre que todos os meses expressa a sua

# AGORA

amizade num pequeno contributo e porque o não fez nos últimos três meses «pede desculpa e espera a nossa benevolência!»

Deus do Céu, quem merece tanto do amor ao Próximo que é dever universal, sim, mas nos é prestado assim, com tais requintes?!

Porém, um reparo me ides permitir: Esta coluna do «Agora» não foi muito lembrada nestes dias. Mesmo os melhores caem na tentação do supérfluo que é vírus deste tempo santo do Natal. Há ainda demasiadas necessidades primárias neste mundo, mesmo no mundo próximo em que decorre a nossa vida, para que nos demos licença de alguma embriaguez de prendas e regalos. É uma certa libertinagem da sensibilidade afectiva que devemos denunciar para que se converta em mais racional Caridade. A austeridade reclama mais lugar nesta «sociedade de consumo» que criou seu estilo de vida e, mais ou menos, influi em todos nós. Há que estar atento para não perdermos o equilíbrio!

O relato que segue de prestações para os «pequenos auxílios» a Autoconstrutores é ainda de atrasados. Que as maiores contribuições para este fundo resultaram de «desvios» para ele, efluentes do caudal

maior que até nós chegou: Cem contos, de Virgínia Augusta, «para as obras da Autoconstrução». Cinco, de Sofia Glória. O mesmo, de Mariana. A presença mensal de J. P. R.

Isto o que veio, expresso, na maré do Natal. E agora, sim, o de mais atrás: «Uma gotinha», de mil, do Porto. Cinco vezes mais «para ajudar a cobrir um telhado», deixados no Espelho da Moda. Igual quantia «que a minha filha me entregou para ajudar a construção de uma casa». Vem de uma mãe, de Tomar. O dobro, «da minha primeira reforma e dou graças a Nossa Senhora por me ter deixado chegar a esta idade. Muito obrigada».

Mil, de «uma Amiga», de Secarias. O centuplo de um Manuel, da Av. Estados Unidos da América, em Lisboa. Quatro mil, de Maria Etelvina. Metade, da Rua de S. Martinho, em Aveiro. Quinze mil, de «uma leitora d'O GAIATO para auxiliar na Autoconstrução ou onde for mais necessário». Oh confiança, que Deus nos ajude sempre a merecer!

Em reunião de um dos grupos Rotários, do Porto, meia centena. Vinte mil, de uma bisavó que «mesmo de partida para férias, quer repartir do que gasta para isso» e pede orações por filhos, netos e bisnetos. Três mil, de Lúcia Ale-

xandra e «é pouco, bem sei; mas à medida que for podendo, vou enviando». Assim é que é!: amar sempre... até ao fim.

Dos Carvalhos, mil de quem reparte mais três por outros destinos de uma pensão de invalidez da qual a farmácia come a parte de leão. Oh heroísmo!

De cinco mil, o resto das assinaturas, de Clementina, do Carvalhal. Quinze, dos amigos Manuel e Ana: «Com a ajuda de Deus, mais umas pedras foram pagas para a construção do nosso Lar. Para que Deus perdoe o nosso egoísmo, oferecemos essas migalhas que são uma remissão do nosso luxo». O Manuel é fabricante de cadeiras. Ele e a sua Ana, por graça de Deus, senhores de uma recta consciência do verdadeiro destino dos bens do mundo. Meio milhar, de Olinda, e «peço o maior anonimato». Entendido e cumprido. De tantas Olindas, só Deus sabe quem esta é!

Dez mil «para pregos da casa do nosso 'Amigo em Deus' que, sem um braço e rodeado de filhos, a quer construir». E, de Almada, do Afonso, metade, creio que com o mesmo destino. Mil, de S. Paio de Oleiros, juntos a outros dons. Três vezes mais de Júlia, de Faro, também com mais dons. Idem, de um médico, de V. N. de Gaia; e dez mil da mesma terra, de um ex-funcionário das Finanças.

No Espelho da Moda, dois mil mais mil, mais 3.250\$00, de anónimos. Nos cicerones, quinze mil, de Hermínia. Dois mil, do João e da Judite. Quarenta,

no Lar do Porto. Trinta, da Dr.ª Nilza. Dez, da Rua de S. Bernardo, em Lisboa. Dois, de «três senhoras de Torres Vedras», que julgo terem tomado esta quantia por «renda» mensal. Dez, de Magda, de Lisboa. Metade, do assinante 19722. Cinquenta, de uma Maria Manuela, não sei de onde. De Tomar, uma «amêndoa» de mil. O dobro de uma velha Amiga da Obra da Rua, «que não só acode aos Pobres, mas acorda quem tem e pode». Dois mil e quinhentos, de quem «anda a fazer uma casinha e pede a Deus que consiga chegar ao fim».

Dez mil, da «velha» Júlia, da «antiga» casa «Ouvi-me Senhor». Ele ouve, ouve sempre! «Graças a Deus fui operada à vista e embora o resultado não tenha sido um êxito completo, já pude ler O GAIATO, o que me deu imenso prazer, além de fazer despertar em nós sentimentos de solidariedade, acrescidos de prazer espiritual que nada no mundo pode ultrapassar».

E termino com estoutro eco do «despertar de sentimentos de solidariedade» vindos de Famalicao, de uma Professora Primária:

«Há muito tempo que li n'O GAIATO que este ano é chamado o Ano Internacional dos Sem Tecto e logo pensei contribuir para esse fim.

Pensei enviar para aqueles que na verdade não têm casa, mil escudos por mês, a partir de Janeiro de 87 e durante este ano, comemorando assim o Ano Internacional dos Sem Tecto.

Que bom seria que os que podem, dessem àqueles que precisam, pouco ou muito, mas de boa vontade! Apesar da crise, de que tanto se fala, parece-me que há uma grande falta de vontade, bem maior que a falta de dinheiro — em muitos casos, não todos, claro!»

Padre Carlos

## Setúbal

Esteve, entre nós, durante uns curtos cinquenta minutos, o senhor Primeiro Ministro.

Veio visitar-nos e almoçar com os Rapazes, muito rapidamente, numa passagem pelo distrito de Setúbal.

Ninguém está perfeitamente convertido à sua missão e o contacto com as realidades e as suas dificuldades é o caminho mais seguro para se desinstalar de conceitos e preconceitos e apontar a vida, a conduta e a acção no alvo certo.

Quisemos agradecer a participação do Governo na compra da nossa casa da Arrábida, o carinho de que temos sido objecto por parte do Governo Civil de Setúbal e o facto de ter vindo assinar com a Câmara um protocolo para a construção de mais de duas centenas de fogos, destinados à eliminação de barracas nalguns bairros da cidade.

Ficámos com a imagem de um homem simples, sóbrio e austero que quis comer de pé um almoço integralmente con-

feccionado pelos Rapazes com produtos da nossa quinta; um homem inteligente que soube comunicar aos gaiatos uma mensagem pessoal de um esforço sério pela sua autopromoção:

«Não foi fácil a minha vida de jovem e de estudante. Se hoje sou o Primeiro Ministro tive de lutar muito. A dignidade de um homem não se mede pelo facto de ser doutor. Qualquer arte ou ofício desempenhados com competência e brio são portadores de dignidade e capazes de realizar plenamente um homem.»

Como gostei de ouvir estas palavras!... Como os Rapazes as guardaram plenos de atenção!

Comeu do nosso pão, mas não bebeu do nosso vinho. Escondendo a própria severidade, limitou-se a beber água. Ninguém o viu fumar. Entendemos que não desperdiça qualquer potencialidade pessoal para pôr tudo a render ao máximo na governação do País que, disse, «não ser fácil».

Fazemos votos que o seu trabalho eleve o povo português a um grau de progresso material e moral capaz de extinguir as Casas do Gaiato por não serem necessárias.

A nossa casa, na Arrábida, está paga. O grande buraco aberto na nossa economia com a sua compra foi fechado e desapareceu. Quero que todos saibam e se alegrem, sobretudo os que exultaram de alegria com a sua aquisição e partilharam tão sacrificadamente no seu pagamento.

Sessenta e cinco mil contos é uma fortuna, mas a Deus nada é impossível.

Aos que nos criticaram, afirmando que o dinheiro poderia ter sido dado aos Pobres, desafiamos a que arregacem as mangas, disponham a vida e o tempo e venham connosco assistir aos Pobres e construir casas para eles. Apresentem projectos. Organizem grupos de trabalho, encorajamento e assistência. Nós encarregar-nos-emos de fornecer todos os materiais, desde a pedra às tintas. Venham dar peso à sua crítica e verificar que ela é infundada. A Deus nada é impossível.

Padre Acílio

## Calvário

Cont. da 1.ª pág.

e a todos. Hoje pediu-me para comprar um pneu para o carrinho da Maria do Carmo. Ai de mim se esqueço o pneu...! Não me larga mais.

Depois o «Bobi», paralítico, pede para se vestir e ir para o sol. É o apelo do sol, da brisa, da seiva e da poesia das folhas que vão caindo e a nossa Alice, diminuída mental, varre com tanto carinho nas ruas da Aldeia.

21/12/87 — Calvário não é só sofrimento.

No de Cristo, consumação da dor, foi também o cume do Amor e a nascente da alegria e da glória.

Pois, verdadeiros momentos de alegria na nossa Aldeia do Calvário. Deus tem o gosto de

semear, com mão larga, alegria nos corações simples.

Não tenho visto Natais mais felizes que os nossos: No centro do salão de festas, uma grande mesa repleta de mimos; rachos de carvalho na lareira — em lume vivo; pedaços de canções (a uns falta a letra; a outros, a rima) que nos unem e elevam.

Não há um rosto triste!

É o Senhor que semeia!

Podes vir ver com os teus olhos.

Muitos já vieram com as suas ajudas e mimos... Não nomeio.

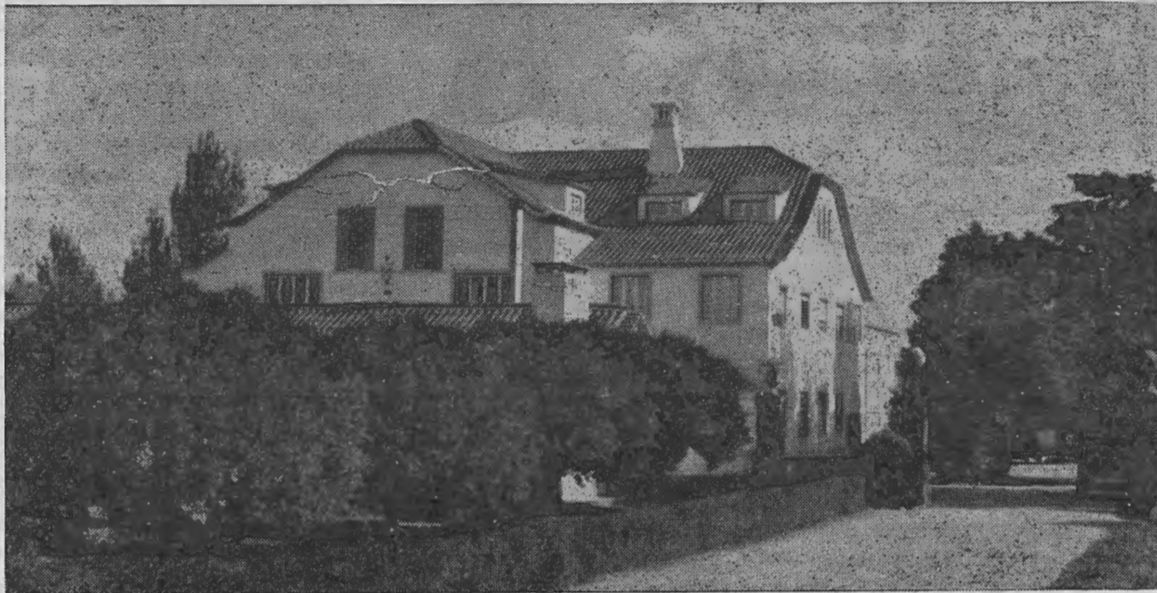
Eles viram o Senhor! Quando vieres, lembra-te: «É o Senhor!»

Ele conhece os corações!

Padre Telmo

# AQUI LISBOA!

## • ANIVERSÁRIO DA CASA DO GAIATO



Casa-mãe da Aldeia do Tojal, onde temos cerca de cento e trinta Rapazes a partir dos três anos de idade.

«O ano de 1947 foi de trabalho no Tojal e nos primeiros dias do seguinte abriram-se de par em par as portas da Casa do Gaiato de Lisboa.» (Pai Américo)

Sai este número d'O GAIATO na véspera do aniversário dos seus quarenta anos de existência. Com efeito, foi em 4 de Janeiro de 1948, no dia do Santíssimo Nome de Jesus, que foi oficialmente inaugurada a terceira, por ordem cronológica, das Casas do Gaiato, de que somos responsável há quase 25 anos.

Situados em pleno coração

da zona saloia, nas proximidades da Capital, sentimos que não fomos capazes de transformar os sonhos em realidades, dotando esta Casa dos meios humanos e materiais indispensáveis para bem concretizar o pensamento de Pai Américo e de formar as respostas possíveis à enormidade de problemas que, a todos os instantes, nos são postos.

Por tudo o que foi feito, damos graças a Deus e só temos pena que as limitações e insuficiências próprias, que é preciso reconhecer em humildade, não nos tenham permitido ir mais além. Entretanto,

com as forças em declínio, não nos faltam projectos ou anseios, pelos quais nos continuaremos a bater, que a amizade dos nossos Amigos, sobretudo da zona da grande Lisboa, nunca nos faltou ou deixou de acompanhar.

Temos presentemente, intramuros, cerca de 130 Rapazes, a partir dos três anos de idade. Para eles, a tempo inteiro, dispomos de um padre e de duas senhoras, todos com mais de 60 anos, para além doutro elemento do sexo feminino com cerca de 40. Pedir a Deus que nos mande um sacerdote e mais duas ou três «mães» vocacionadas para este tipo de trabalho, é uma obrigação de toda a família, de dentro e de fora. Sem cirreus, dispostos ao sacrifício, ainda que pobres e pecadores, a vida numa Casa não se torna possível.

Uma das carências, também gritante, é a de pessoal especializado para as nossas oficinas e não só. Por doença grave, envelhecimento, morte ou outras razões, estamos presentemente a braços com problemas, o que nos dificulta a consecução dos objectivos em vista e sobrecarrega as pessoas presentes, já de si assoberbadas com trabalhos dos mais variados tipos. Necessitamos de mestres ou monitores para as nossas oficinas de carpintaria e de serralharia, não só tendo em vista a formação profissional dos Rapazes, mas também em ordem ao próprio sustento da Casa. Devemos dizer, porém, que nem toda a gente serve, porque, não o podemos esquecer, estamos numa Casa de formação de Homens.

Muitas vezes nos perguntamos do que vivemos. A resposta correcta é esta: do nosso trabalho e do que nos dão, sendo certo que o acento tónico se deve colocar no segundo aspecto, apesar da incorporação de mais valia e de as tarefas correntes serem realizadas pelos Rapazes, sempre que isso é viável. As ajudas oficiais, ao longo dos anos, têm sido irrelevantes, ante o volume das despesas, aliás uma característica de toda a Obra.

Acabada a venda d'O GAIATO nas ruas e subúrbios da Capital, por razões ponderosas oportunamente aqui divulgadas, temos insistido, como já o fazíamos antes, em aconselhar a assinatura do jornal e a remessa para a Casa do Gaiato da respectiva área, do valor que cada um achar por bem, tendo em vista a independência de cada Casa. Felizmente, grande número de pessoas, sinal de quem lê o jornal, tem aderido ao proposto, o que nos leva a deixar aqui uma nota de gratidão.

Uma Casa como esta tem necessariamente grandes dispendios, para lá dos cotrentes, com a conservação dos edifícios e das estruturas e com o apetrechamento das oficinas, etc. Por exemplo, temos andado na substituição das janelas do antigo Palácio, af por meia centena ou mais, e cada qual com 30 vidros... Trata-se de monumento nacional — com azulejos belíssimos, na maioria do século XVIII — que tem de ser preservado e defendido da acção do tempo e dos anos. Vamos voltar-nos para os Serviços adequados, para que actuem em conformidade, até por estarmos em presença dum património público e artístico.

Infelizmente, por razões vá-

rias, ainda não foi possível desbloquear o assunto da Capela, que teríamos gostado de ver erguida no Ano Centenário do Pai Américo. Esperamos, no entanto, que possa começar em breve.

Aguardamos que a Marconi nos possa ceder uma parcela de terreno, em S. Julião de Eriçeira, em ordem à construção duma casa de praia. A que tínhamos, muito degradada e exígua, estava situada num condomínio que teve de ser alienado.

Já agora, visto estarmos em partilha, de propósito, devemos informar ser nosso intento o arranjo e alcatroamento dos arruamentos da Aldeia, sem esquecer o já aqui referido bairro de casas para os nossos Rapazes.

O dom da vida a Deus pertence. Com fé viva e esperança expectante, vamos continuar. Um ano de trabalhos e de canseiras nos aguarda. Porém, e só por isso, vale a pena continuar a luta, mesmo que não compreendida, em favor daqueles que até nós chegarem, conjugando o verbo amar e fazendo deles homens, pelo encontro da sua própria consciência.

Padre Luiz

## 48 ANOS

Cont. da 1.ª pág.

gar. O nosso sistema de aproveitar o que a sociedade bota ao lixo, tem fundamento na própria natureza do homem... Não vamos errados... Damos-lhe o lugar que merece. Não temos para eles segredos nem distâncias. São filhos. São da Casa... Vamos pelo caminho da confiança».

Justiça e Amor caminham de mãos dadas. São princípios que não mudam com os lugares ou os tempos.

Neste aniversário olhamos o presente e o futuro. A Obra é necessária. A tendência é para crescer: «Arranje Casas para nós». Este pedido vem da rua. Somos Obra da Rua e queremos dar-lhe resposta. Sabemos que é Deus quem chama aqueles e aquelas que entende. Também sabemos que a resposta ao chamamento de Deus é de cada um e de cada uma. O pequeno da rua, o doente do Calvário aguardam a resposta. É um serviço prioritário o das vocações. Em tuas mãos está o preço da salvação deles. Se consentes, serão imediatamente libertados. Agora, estão

condenados. Que responsabilidade a nossa! Uma resposta breve pode renovar e restituir a vida.

É uma súplica humilde e perseverante que a Obra da Rua faz no seu aniversário, em nome de todos os que esperam a tua resposta.

«Porque demoras? Porque tens medo? Acredita, consente e recebe» o dom de Deus.

Depois do Ano Centenário do nascimento do Pai Américo, no Ano Mariano que estamos a viver, digamos, de mãos erguidas: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra».

Padre Manuel António

### — IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

## Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

Que contraste com tantos casais fechados ao amor-família!

■ A Imprensa publicou alguns sonhos do Bispo de Setúbal. D. Manuel sonhou que no fim de uma reunião de Ministros o porta-voz do conselho apareceria, cheio de coragem, a anunciar um grande plano de construção de casas para todos os mais carenciados delas. Pois, sem casa, não pode haver família. E, sem famílias, não pode haver sociedade.

Que pena seja só sonho, apenas concretizado, em parte, relativamente a Setúbal!

Maravilhoso seria que o Governo, cheio de coragem, pegasse num plano nacional de construção de casas e andasse para a frente até serem precisas!

Há dias, fiquei também triste com a tristeza do desabafo daquele amigo: «Eles vivem todos em boas casas, não querem saber de nós».

Nas últimas semanas tenho ido ver o lugar onde vivem famílias. Que presépios de amarguras!

■ Quando, à noite, cheguei a casa, a nossa sala-grande estava cheia de jovens estudantes que tinham vindo fazer a Festa de Natal com os nossos. Rapazes e raparigas cheios de alegria e alegria partilhada!

Apresentaram vários quadros vivos. Um deles foi a travessia do lago. O lago da vida de cada um. O barco onde ia o Senhor foi o que demorou mais a chegar à margem e o barqueiro o que mais se esforçou. Que feliz se sentiu quando chegou e ouviu uma voz: «Aquele que vai na companhia do Senhor alcançará o bom porto de salvação».

■ Nestes 48 anos, quantas crianças se têm libertado do lixo? Quantos homens que o são e não o seriam? Quantas famílias abrigadas? Quantos filhos nasceram e não nasceriam? Quantas travessias confiantes no lago da vida porque vai o Senhor!

Que em tudo, e neste Centenário do Pai Américo, o Senhor Deus tenha sido louvado e nos perdoe as nossas faltas de dar a mão.

Padre Horácio

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Dezembro: 67.420 exemplares.